

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

LARISSA CHAVES LIMA

**PROPOSTAS EDUCACIONAIS E ASSISTENCIAIS DE UMA INSTITUIÇÃO DE
SURDOS LOCALIZADA NO INTERIOR DE SÃO PAULO: RELATO DE
PROFISSIONAIS**

Sorocaba

2021

LARISSA CHAVES LIMA

**PROPOSTAS EDUCACIONAIS E ASSISTENCIAIS DE UMA INSTITUIÇÃO DE
SURDOS LOCALIZADA NO INTERIOR DE SÃO PAULO: RELATO DE
PROFISSIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Orientação: Prof. Ma. Daniele Silva
Rocha.

Sorocaba

2021

Lima, Larissa Chaves

Propostas educacionais e assistenciais de uma instituição de surdos localizada no interior de São Paulo: relato de profissionais / Larissa Lima Chaves -- 2021.
53f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Daniele Silva Rocha

Banca Examinadora: Daniele Silva Rocha, Débora Dainez,
Teresa Cristina Leança Soares Alves

Bibliografia

1. Língua de Sinais. 2. Desenvolvimento de linguagem. 3.
Surdez. I. Chaves, Larissa. II. Título.



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB
 Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780
 Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 31/2021/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

LARISSA CHAVES LIMA

PROPOSTAS EDUCACIONAIS E ASSISTENCIAIS DE UMA INSTITUIÇÃO DE SURDOS LOCALIZADA NO INTERIOR DE SÃO PAULO:
 RELATO DE PROFISSIONAIS

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba

Sorocaba, 26 de novembro de 2021

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientador	Prof.ª. M.ª Daniele Silva Rocha
Membro da Banca 1	Prof.ª. Dr.ª Débora Dainez
Membro da Banca 2	Prof.ª. M.ª Teresa Cristina Leança Soares Alves



Documento assinado eletronicamente por **Daniele Silva Rocha, Professor(a)**, em 30/11/2021, às 14:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Debora Dainez, Professor(a) Efetivo(a)**, em 01/12/2021, às 15:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Teresa Cristina Leanca Soares Alves, Professor(a) Efetivo(a)**, em 03/12/2021, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **0531861** e o código CRC **B130C13C**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.021665/2021-28

SEI nº 0531861

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

DEDICATÓRIA

A todos os profissionais que trabalham por uma sociedade mais igualitária e acessível.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a minha mãe que me propiciou estudo de qualidade para que eu chegasse até a universidade pública e sempre me incentivou a não desistir durante o caminho mesmo diante das dificuldades e desafios durante todos esses anos de graduação.

Deixo aqui também, meu agradecimento a UFSCar e minha turma de Pedagogia 2016, que me proporcionou durante todo o período de graduação diálogos e debates que foram essenciais para minha formação não somente profissional, mas também como ser humano.

Agradeço a todos os envolvidos durante a dura jornada da produção desse trabalho, equipe da Instituição que me abraçou e colaborou com o desenvolvimento.

A minha orientadora Prof^a Ma. Daniele minha única professora surda durante esses cinco anos de graduação deixo um agradecimento especial, pois através dela tive o prazer de ter o primeiro contato com uma pessoa surda que me fez enxergar o quanto é essencial olharmos o outro com afeto e individualidade e durante o desenvolvimento dessa monografia sempre esteve de prontidão e me orientou com muito carinho e paciência para que essa monografia se concretizasse.

RESUMO

O presente estudo visa analisar de que forma a instituição localizada no interior do Estado de São Paulo promove a inclusão social dos sujeitos surdos por meio de ensino de Libras e da Língua Portuguesa investigando suas estratégias de ensino-aprendizagem e a interação dos sujeitos desse processo sob a perspectiva do estudo da linguagem, a partir das teorias de Vygotsky e Bakhtin. As principais contribuições teóricas de Vygotsky que se podem correlacionar com o ensino de surdos enfatizam o entendimento da *zona de desenvolvimento próximo*, que demanda a interação entre uma pessoa mais experiente e capacitada no tema e alguém que aprenderá, sendo importante para os surdos essa interação na alfabetização com professores, intérpretes e familiares, além do convívio com surdos fluentes em Libras. Nesse contexto, Bakhtin reforça que o desenvolvimento da linguagem possui base na estrutura dialógica e requer constante interação social. Para o procedimento metodológico deste estudo, foram realizadas entrevistas com duas profissionais da Instituição: uma professora e instrutora de Libras e uma assistente social de forma semiestruturadas por meio do aplicativo Google Meet, ambas com duração em torno de quarenta minutos. Nesse sentido, a Instituição apresenta sua proposta pedagógica e assistencial alinhada com o desenvolvimento da linguagem, de forma que o surdo não somente adquira aprendizado, como também amplia sua socialização, tanto no seio familiar, ao enfatizar a necessária alfabetização dos pais, como no convívio com seus pares, nos encontros entre surdos de diferentes níveis de aprendizado. Observa-se a necessidade de diversificar as abordagens educativas, uma vez que surdos apresentam diferentes níveis de alfabetização, socialização, além da aquisição de sinais caseiros, o que torna o trabalho de caráter personalizado, de acordo com o contexto de cada estudante. A Instituição apresenta uma equipe multiprofissional, que mesmo diante de diversos desafios, como a pandemia, busca manter o trabalho ativo, de forma remota, para não prejudicar o desempenho e desenvolvimento social dos alunos.

Palavras-chave: Língua de Sinais, Libras, Desenvolvimento de linguagem

ABSTRACT

This study aims to analyze how the Institution located in the interior of the State of São Paulo promotes the social inclusion of deaf subjects through the teaching of Libras and the Portuguese Language, investigating their teaching-learning strategies and the interaction of the subjects in this process, from the perspective of the study of language, from the theories of Vygotsky and Bakhtin. Vygotsky's main theoretical contributions that can be correlated with the teaching of deaf people emphasize the understanding that happens in the *proximal development*, which demands the interaction between a more experienced and skilled person in the subject and someone who will learn. Being very important this interaction with teachers, interpreters and family members, in addition to socializing with deaf people that are fluent in Libras. In this context, Bakhtin reinforces that language development is based on a dialogic structure, and that it requires constant social interaction. For the methodological procedure of this study, interviews were conducted with two Institution professionals: a teacher and Libras instructor and a social worker in a semi-structured way through the Google Meet application, both lasting around forty minutes. In this sense, Institution presents its pedagogical and care proposal aligned with the development of language, so that the deaf not only acquire learning, but also expands their socialization, both within the family, by emphasizing the necessary literacy of parents, as well as in social interaction. with their peers, in encounters between deaf people with different levels of learning and expression. There is a need to diversify educational approaches, since deaf people have different levels of literacy, socialization, and also tend to acquire homemade signs, which makes the work of a personalized nature, according to the context of each student. Institution has a multi-professional team, which, even in the face of various challenges, such as the pandemic, seeks to maintain active work, remotely, so as not to harm the performance and social development of students.

Keywords: Sign Language, Libras, Language Development

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Elementos do Andamento (PIRES, 2014) e as atividades desenvolvidas pela Instituição, de acordo com o desenvolvimento e características dos alunos atendidos.....	38
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

SciELO - Scientific Electronic Library Online

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

Vera – Nome fictício para a professora bilíngue entrevistada

Ana – Nome fictício para a assistente social entrevistada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: Aquisição e desenvolvimento da linguagem em relação aos aspectos socioculturais: contextualização teórica sobre Vygotsky e Bakhtin	18
CAPÍTULO II: Procedimentos metodológicos	25
CAPÍTULO III: Entrevistas realizadas com a assistente social e professora bilíngue: análise sobre o atendimento com surdos e adaptações durante a pandemia	29
3.1 Contexto institucional	29
3.2 Instituição e participação familiar	31
3.3 Suporte pedagógico, psicológico e assistência social para surdos e familiares	33
3.4 Adaptações durante a pandemia	39
CAPÍTULO IV: Discussões e Resultados	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
APÊNDICES	51
ANEXOS	52

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como temática o ensino bilíngue para alunos surdos aplicado em uma Instituição, no interior de São Paulo. O interesse pelo tema surgiu a partir de uma experiência durante minha formação acadêmica em contato com a disciplina Introdução à Língua Brasileira de Sinais (Libras) ministrada pela Profa. Ma. Daniele Silva Rocha, e me fez enxergar a importância da Língua para a comunicação entre surdos e ouvintes, senti que eu precisava adentrar nesse universo e me apropriar dessa língua. Após isso, fui à procura de um curso de Libras e foi durante esse período que conheci o trabalho da Instituição escolhida para a pesquisa, lá são ministrados cursos de Libras e são realizados atendimentos aos surdos e suas famílias. A Instituição escolhida para a pesquisa, localizada no interior do Estado de São Paulo, denomina-se uma entidade social sem fins lucrativos atende pessoas surdas da região desde 1993 com intuito de criar uma rede de apoio aos surdos e suas famílias, além de realizar o trabalho pedagógico do ensino de Libras e Língua Portuguesa. O objetivo geral desse trabalho é analisar de que forma a Instituição promove a inclusão social dos sujeitos surdos por meio de ensino de Libras e da Língua Portuguesa investigando suas estratégias de ensino-aprendizagem e a interação dos sujeitos desse processo. Os objetivos específicos consistem em descrever as características da Instituição, caracterizar o perfil dos surdos atendidos, apontar estratégias e métodos para o ensino-aprendizagem dos surdos e por fim analisar de que forma ocorre a interação dos profissionais e surdos atendidos.

A linguagem consiste em um sistema de mediação simbólica e instrumento de comunicação, planejamento e autorregulação dos indivíduos, permitindo que estes se apropriem do mundo externo, promovendo interações que incorporam informações e suas maneiras de interpretar e reinterpretar, internalização de conceitos e significados (LUCCI, 2006). O ensino de língua direcionado para estudantes surdos apresenta uma abordagem bilíngue e assume a Língua de Sinais como primeira língua (L1) desses alunos, sendo esse um aspecto determinante na educação e inclusão dos surdos na sala de aula, apresentando como princípio que alunos surdos sejam atendidos por instituições específicas para surdos e seja objeto de análise e estudo linguístico. Nessas instituições, a Língua Portuguesa é tida como segunda língua (L2) e objetiva a capacitação do surdo em escrita e leitura, sendo que dessa forma, o aluno passa a ser alfabetizado tanto em Língua de Sinais, quanto em língua portuguesa (PIRES, 2014).

Sobre a Língua de Sinais, Silva e Almeida (2012) afirmam que essa língua constitui

como língua materna¹, a língua de sinais concede ao surdo uma atuação mais participativa do funcionamento linguístico, permite-lhe elaborar seus dizeres, facilita a sua participação no aprendizado de uma segunda língua, interage na assimilação dos contextos, bem como beneficia todo desenvolvimento sociocultural, principalmente, a construção de novas formas de conhecimentos (SILVA e ALMEIDA, 2012, p. 195).

Quando se trata da interação entre crianças surdas com o entorno e as possibilidades de conhecimentos do mundo, suas interações iniciais carecem da introdução da língua de sinais, uma vez que a maioria delas nasce em lares ouvintes e sua relação resulta de sinais próprios desse núcleo familiar, suprindo necessidades básicas de comunicação, mas com narrativas de acessibilidade reduzidas (PIRES, 2014). Além disso, a falta de práticas de leitura e escrita e pouca familiaridade com a língua portuguesa acarretam a dificuldade de atribuir significados aos símbolos que os surdos são capazes de codificar, uma vez que essas crianças possuem pouco acesso às conversas do dia a dia e as narrativas que perpassam os familiares entre as gerações, além da dificuldade em atividades, como contação de histórias (KARNOPP e PEREIRA, 2010 *apud* PIRES, 2014).

De acordo com Pires (2014), a ausência de instituições profissionais na capacitação e letramento de surdos resultam em problemas que se estendem ao longo da vida, como por exemplo, a concordância verbal e deficiência no letramento acadêmico, tornando necessário uma alfabetização bilíngue de qualidade desde a infância e a elaboração de um processo que promova continuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética. O autor ressalta que para promover uma real educação linguística inclusiva de alunos surdos, é necessário transpor a descontinuidade entre a língua de sinais e língua escrita, adotando a língua de sinais como primeira língua promovendo a adoção da escrita visual antes de iniciar o processo de alfabetização em língua portuguesa, tornando o ambiente escolar bilíngue e cultural, valorizando as duas línguas simultaneamente.

Enquanto a língua de sinais (LS) permite que haja desenvolvimento cognitivo da criança surda e contribui com uma interação social mais ampla que tornam mais acessíveis as informações e os conceitos necessários para seu desenvolvimento, a língua portuguesa (LP) fornece acesso aos bens culturais (literatura, educação) e aos meios diversos de comunicação, permitindo melhor exercício da cidadania (PIRES, 2014). A educação de base bilíngue é fundamental e direito das pessoas surdas, sendo importante ressaltar que

[...] quanto mais cedo a criança surda for exposta à LS de sua comunidade, maior será o seu desenvolvimento. A LP, por outro lado, possibilita [...] a preparação para o exercício da cidadania, podendo participar politicamente em uma sociedade onde tudo é expresso e regulamentado em LP. Como cidadão brasileiro, o surdo tem o direito de

¹ De acordo com Spinassé (2006), a língua materna pode ser definida como a língua que aprende-se em casa e a língua utilizada pela comunidade em que se insere, podendo ser mais de uma, caso a língua caseira seja diferente da língua da comunidade.

aprender essa língua com qualidade. Quando o conhecimento em LS for deficiente, haverá uma dificuldade maior para aprender a língua oral da sociedade em que está inserido (PIRES, 2014, 1010).

De acordo com as colocações de Silva e Almeida (2012), a atividade cerebral é capaz de interiorizar significados através das vivências sociais que resultam das atividades culturais, permitindo ao homem o domínio do meio e do seu comportamento, e nesse contexto, a linguagem consiste em uma forma de interação social e diálogo interpessoal, permitindo que os indivíduos compreendam as significações do mundo ao redor e formem sua consciência. Nesse aspecto, o signo consiste no principal elemento de mediação e estabelece as relações sociais, culturais e históricas, sendo necessário propor em termos de processos pedagógicos, mecanismos que facilitem o processo de aquisição da escrita que se alinhem a história dos signos processados internamente pelos alunos. De acordo com os autores,

[...] o desenvolvimento da constituição da escrita por alunos surdos, apresenta maiores dificuldades, pois estes aprendizes não dominam bem a língua portuguesa, fato que reclama por uma sucessão de encontros estratégicos com o texto de maneira muito mais intensa que os alunos ouvintes. A capacidade visual ou auditiva não é suficiente para a aprendizagem da escrita. Este é um processo complexo que exige práticas pedagógicas exclusivas. O aluno surdo já possui uma língua viva em uso, a língua de sinais. A partir dessa língua, ele se inicia numa língua oficial, a língua de seu país na sua forma escrita, oral ou até mesmo gestual. Esta situação o põe numa posição incômoda, limitada, em que se vê obrigado a escrever, desde o início da vida escolar, fora dos parâmetros de sua língua natural (SILVA e ALMEIDA, 2012, p. 192).

Vargas e Gobara (2014) avaliaram os processos interacionistas entre alunos surdos, intérprete, professor e alunos ouvintes para compreender como esses mecanismos de inclusão e relação promove o desenvolvimento dos alunos surdos em escolas regulares e observaram que, apesar de estarem fisicamente presentes em sala de aula, muitas dificuldades são encontradas, tanto na formação adequada do aluno surdo na respectiva etapa escolar (nem sempre o intérprete transmitia de forma adequada o conteúdo), quanto nas relações sociais, uma vez que nem o professor e outros alunos estavam aptos a se comunicar através da Língua de Sinais. A respeito da abordagem histórico-cultural no ensino de aluno com surdez, as autoras ressaltam que este “[...] não está recebendo boas oportunidades para o seu desenvolvimento, pois é por meio das relações sociais que o indivíduo se desenvolve e consegue internalizar o conhecimento favorecendo a aprendizagem” (VARGAS e GOBARA, 2014, p. 458).

Para os alunos surdos, são necessárias estratégias visuais que atuem de forma mais ampla nas relações significativas de comunicação, sendo a Língua de Sinais o recurso que viabiliza a aprendizagem de outras línguas e matérias, sendo essencial para que o surdo possa se inserir na

sociedade escolarizada e ser capaz de atuar como produtor de texto, após formação bilíngue (SILVA e ALMEIDA, 2012). Dessa forma, alunos surdos apresentam um mecanismo diferenciado de aprendizagem quando comparado aos ouvintes, com ausência da associação de letras com sons, tornando a Língua de Sinais, de acordo com Silva e Almeida (2012, p. 195) “[...] elemento indispensável para mediar a aprendizagem da segunda língua, para garantir a apropriação de elementos culturais, para assegurar a integração à sociedade e permitir um maior desenvolvimento cognitivo a estes aprendizes”.

Dessa forma torna-se necessário que haja um suporte pedagógico adequado direcionado para propor melhorias nas relações interpessoais entre surdos e o restante da sociedade, melhorando sua capacidade comunicativa e maior alcance da formação de letrados em Línguas de Sinais. O presente estudo visa compreender as atividades e o desempenho da Instituição, entidade social sem fins lucrativos, que atua na profissionalização e sociabilização do deficiente auditivo. Por meio desse estudo, pude analisar e discorrer sobre as práticas que são mais eficientes na inclusão social do surdo, na promoção da sociabilização e autonomia, expandindo os processos educativos. Também foram observados aspectos sobre a importância da capacitação e da formação de uma equipe multidisciplinar que inclui: pedagogos, assistentes sociais, psicólogos e fonoaudiólogos. Estudos dessa natureza permitem compreender os avanços na alfabetização, sociabilização e inclusão social do surdo, além das dificuldades recorrentes e estratégias desenvolvidas pelos profissionais especializadas nesse tipo de atendimento.

Para apresentar a contextualização teórica, os resultados e as análises propostas, o presente trabalho está subdividido em quatro capítulos, sendo estes:

- *Capítulo I:* Aquisição e desenvolvimento da linguagem em relação aos aspectos socioculturais: contextualização teórica sobre Vygotsky e Bakhtin, que descreve o suporte teórico em que se baseiam as análises da aquisição da linguagem e o direcionamento destas para o ensino inclusivo para surdos;
- *Capítulo II:* Procedimentos metodológicos, que descreve com detalhes a proposta em desenvolver uma pesquisa etnográfica na Instituição e qual o intuito de levantar questões pertinentes à educação e alfabetização inclusiva;
- *Capítulo III:* Entrevistas realizadas com a assistente social e professora bilíngue: análise sobre o atendimento com surdos e adaptações durante a pandemia, que descreve detalhadamente as atividades e modelo pedagógico exercido pela Instituição, sendo subdividido em: Contexto institucional, Instituição e participação familiar, Suporte pedagógico, psicológico e assistência social para surdos e familiares e Adaptações durante a pandemia;

- *Capítulo IV:* Discussão e resultados, que avalia as proposições da Instituição e as contribuições teóricas de Vygotsky e Bakhtin, correlacionando com o desenvolvimento educacional realizado pela Instituição, sendo, por fim, apresentadas as considerações finais sobre a totalidade do estudo desenvolvido.

CAPÍTULO I

Aquisição e desenvolvimento da linguagem em relação aos aspectos socioculturais: contextualização teórica sobre Vygotsky e Bakhtin

Vygotsky (1996) apresenta sua teoria do desenvolvimento humano a partir da concepção de que os indivíduos estabelecem contínuas interações dentro de suas condições sociais, podendo ser mutáveis e continuadas tornando as funções mentais cada vez mais complexas. Em sua teoria, o desenvolvimento apresenta duas linhas de origem: o processo elementar e biológico e o processo superior de origem sociocultural. Dessa forma, as funções psicológicas elementares se caracterizam pelas ações involuntárias e imediatas de origem biológicas, enquanto as funções psicológicas superiores se caracterizam pela intencionalidade das ações, sendo mediadas e de origem da interação entre fatores socioculturais e funções psicológicas elementares (LUCCI, 2006).

De acordo com Lucci (2006), a teoria de Vygotsky sobre a aquisição da linguagem descreve esse processo como o momento mais significativo do desenvolvimento cognitivo, configurando um salto na qualidade das funções superiores, sendo instrumento psicológico da regulação do comportamento, alterando a percepção do mundo e permitindo a formação de novas memórias e novos processos de pensamento. Sendo assim, a linguagem se estabelece como um sistema simbólico que organiza estruturas complexas e permite destacar características e estabelecer relações entre objetos.

A linguagem, segundo Vygotsky (1996), permite materializar e constituir as significações construídas durante os processos sociais e históricos, em que, pela sua interiorização, o ser humano passa a utilizar essas significações como base que constitui suas experiências, modulando sua maneira de sentir, pensar e agir (LUCCI, 2006). Em outras palavras, Radaelli (2011) enfatiza aspectos sobre a interação da linguagem, salientando que

Vygotsky, expoente da corrente sociointeracionista, explicita a mediação e a origem das funções mentais pelo conceito de internalização, ou seja, o mecanismo pelo qual uma atividade externa se torna uma atividade interna. A partir dessa perspectiva, a linguagem e a consciência deixam de ser vistas como faculdades naturais humanas, para se constituírem em produtos de ação coletiva dos homens, desenvolvidos ao longo da história (RADAELLI, 2011, p. 30-31).

De acordo com Rego (1998 *apud* LUCCI, 2006), a linguagem apresenta um salto na qualidade da psique humana e confere três grandes mudanças nas relações sociais: **1.** Permite lidar com objetos externos não presentes; **2.** Permite abstrair, analisar e generalizar aspectos dos objetos, eventos e circunstâncias; e **3.** Sua função comunicativa permite preservar, transmitir e assimilar experiências acumuladas ao longo da história. No que concerne aos aspectos relacionados ao processo de

aprendizagem e o desenvolvimento humano, existe uma influência mútua em que melhores condições de aprendizagem promove maior desenvolvimento e vice-versa, sendo que a aprendizagem antecede, possibilita e amplia o desenvolvimento dos indivíduos.

Ao considerar em seus estudos dois níveis de desenvolvimento humano, Vygotsky (1996) destaca: um relacionado ao que a criança é capaz de realizar sozinha e outro nível correspondente às capacidades desenvolvidas a partir do auxílio de outra pessoa já experiente, sendo esse segundo considerado o desenvolvimento mental da criança (LUCCI, 2006). A importância de compreender esses níveis é expressa na atuação do ensino, em que

Entre esses dois níveis, há uma zona de transição, na qual o ensino deve atuar, pois é pela interação com outras pessoas que serão ativados os processos de desenvolvimento. Esses processos serão interiorizados e farão parte do primeiro nível de desenvolvimento, convertendo-se em aprendizagem e abrindo espaço para novas possibilidades de aprendizagem (LUCCI, 2006, p. 10).

De acordo com Lucci (2006), a teoria psicológica proposta por Vygotsky consiste em uma nova concepção da realidade e do homem, utilizando como base princípios do materialismo dialético e que o aspecto cognitivo do desenvolvimento é compreendido a partir da descrição das funções psicológicas superiores, em que o funcionamento intelectual humano concerne tanto os mecanismos cerebrais quanto o contexto social ao qual está submetido o desenvolvimento. Dentre as afirmativas que compõe sua teoria, podemos citar: **a)** o homem é um ser histórico-social, moldado pela cultura que ele próprio cria; **b)** o homem é determinado nas interações sociais, sendo na linguagem e pela linguagem que o indivíduo é determinado e é determinante de outros indivíduos; **c)** o desenvolvimento apresenta três saltos qualitativos: filogênese (origem da espécie) para a sociogênese (origem da sociedade), sociogênese para a ontogênese (origem do homem), e ontogênese para a microgênese (origem do indivíduo único), sendo o desenvolvimento mental um processo sociogenético; **d)** a atividade cerebral é mediada por instrumentos e signos, sendo que a atividade cerebral superior resulta de uma atividade de interiorização de significados sociais a partir de atividades culturais; **e)** a linguagem é o principal mediador na formação e desenvolvimento das funções psicológicas superiores e pode ter expressão oral, gestual, escrita, artística, musical e matemática.

Lucci (2006) ressalta que, ao contrário dos naturalistas que explicavam os processos psicológicos de formas simples através de sensações e comportamentos observáveis, e ao contrário dos mentalistas que levavam em consideravam as manifestações psicológicas como uma forma de fenômeno espiritual, Vygotsky fundamentou sua teoria alinhada com a concepção marxista baseada nas relações sociais, além das fortes influências de Engels, Hegel, Darwin, entre outros pensadores,

fundamentando com base nesses autores suas teorias psicológicas e trazendo a compreensão de que o homem é formado por corpo e alma, como um ser total que apresenta seus processos psicológicos superiores desenvolvidos a partir do contexto social, através de três tipos de mediadores: signos e instrumentos, atividades individuais e relações interpessoais. Além disso, discorre sobre a origem do trabalho a partir do desenvolvimento de determinadas habilidades e funções e o aspecto transformador da natureza e de si próprio (LUCCI, 2006).

Outra forte influência nas formulações teóricas da teoria vygotskyana é a linguística, em que discorre sobre a origem da linguagem e sua influência no desenvolvimento do pensamento humano, influenciando sua escrita em toda sua obra. De acordo com Vygotsky (2010) em sua obra “A construção do pensamento e da linguagem”, a interação social é uma ferramenta mediadora do processo de aquisição cognitivo geral utilizando-se da linguagem, sendo que em institutos de educação, esse papel de mediador do aprendizado concerne ao professor/instrutor, facilitando o domínio e apropriação dos saberes. Dentro de sua abordagem, o próprio autor conceitualiza a Zona de Desenvolvimento Proximal, que compreende o encontro entre os conceitos espontâneos e/ou já formulados pelo aluno com os conceitos que são introduzidos pelo professor/instrutor (PIRES, 2014).

Radaelli (2011) ao analisar as contribuições de Vygotsky (1998) sobre o processo de alfabetização e suas formulações sobre os conceitos das zonas de desenvolvimento, ressalta que ele

busca compreender o sujeito marcado pela história, pela cultura e pela classe social. Não se trata de perceber estágios ou níveis, mas sim de zonas de desenvolvimento real, proximal e potencial. O conceito de zona de desenvolvimento proximal é (à distância, o caminho que o conhecimento terá que percorrer, através da intervenção sociocultural), para se deslocar da zona de desenvolvimento real – (etapas já alcançadas ou a capacidade de realização de tarefas de forma independente) – e o nível de desenvolvimento potencial (sua capacidade de realizar tarefas com o auxílio de adulto ou outras crianças). Nesse caso, o papel do outro (adulto, no caso professor, ou criança mais experiente – colega) torna-se fundamental para a construção da consciência. A linguagem social e histórica vai se tornando a linguagem interior. É a internalização da linguagem (RADAELLI, 2011, p. 31).

Com base no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, Wood, Bruner e Ross (1976) apresentam como *scaffolding* (andaime) o processo interativo que envolve aprendiz e professor e otimiza o aprendizado quando comparado ao desenvolvimento solitário. Os autores discorrem sobre o processo de tutoria, em que um adulto ou especialista auxilia e facilita o processo de aprendizado, sendo o desenvolvimento verificado na aquisição de habilidades e não na mera reprodução de um modelo (PIRES, 2014). O andaime pode ser estabelecido através de seis passos: **1. Recrutamento**, que consiste na proposta direcionada ao aluno para solucionar determinado problema; **2. Redução dos graus de dificuldade**, que traz a simplificação da tarefa em tarefas menores, com regulação

através da observação das respostas do aluno; **3. Manutenção do direcionamento**, que visa estimular o aprendiz a atingir o próximo, motivando a concluir a tarefa principal; uma vez que o êxito em tarefas menores pode distrair da tarefa como um todo; **4. Sinalizar as características mais relevantes**, em que se ressalta os pontos mais importantes da atividade, mostrando as diferenças entre o resultado obtido e o desejado, apontando a forma ideal de produção e interpretando as discrepâncias existentes; **5. Controlar a frustração**, que consiste em incentivo a novas tentativas, diminuir os atritos e estresses, não supervalorizar aspectos de pouca importância e não gerar elevada dependência entre professor e aluno; e **6. Demonstração**, que utiliza um modelo sobre como resolver a tarefa, envolvendo um ideal do que deve ser feito, além de proporcionar explicações sobre os passos da atividade (WOOD, BRUNER E ROSS, 1976).

O trabalho traduzido de Vygotsky (2011) intitulado “A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal” discorre sobre aspectos que concernem a educação, capacitação e letramento de crianças com alguma dificuldade natural na aquisição de conhecimentos, como o caso das crianças surdas. Dentre os aspectos abordados, pode se destacar os seguintes pontos: **1.** O uso de signos visuais permite que a criança surda leia com os olhos; **2.** A privação auditiva implica em ausência da oralidade, podendo aprender a falar por meio da observação da leitura labial de ouvintes, imitação de sinais e sensações cinestésicas; **3.** O desenvolvimento cultural da criança surda através de uma língua criada para suas necessidades demonstra que o desenvolvimento cultural do comportamento pode superar as funções orgânicas ao utilizar outro sistema de signos; **4.** As formas culturais de comportamento consistem na criação de mecanismos indiretos de desenvolvimento, sendo a escrita gestual um caminho psicofisiológico de desenvolvimento cultural; **5.** Psicologicamente, o ensino de língua de sinais é capaz de incutir na criança surda a fala e a escrita em um sentido próprio e, do ponto de vista do desenvolvimento cultural, a fala passa a ser garantida graças a um aparato psicofisiológico diferente das outras crianças; e **6.** A criança surda desenvolve o uso de uma língua complexa, singular, com mímica, sendo essa língua construída por e para sua comunidade, original, diferenciada de todas as línguas existentes de forma profunda, através de gestos e uso das mãos.

Silva e Almeida (2012) em seu estudo “O ensino de texto para aprendizes surdos à luz de Vygotsky” enfatizam que a surdez não deve ser considerado obstáculo para o processo de aprendizagem da língua escrita, mas demandam pedagogias específicas e eficientes, voltadas para a valorização de acertos gramaticais, uso da capacidade da expressão via Língua de Sinais, diversas possibilidades de leitura com reflexão sobre vivências culturais e possibilidade de desenvolvimento das funções psicológicas superiores com base na interação e sua função transformadora. As autoras ressaltam que “na perspectiva interacionista sócio-histórica, a aprendizagem da língua escrita por

surdos demanda uma interferência organizada e constante de fatores que se influenciam mutuamente para mediar a construção do texto, permitindo que o aluno desenvolva seu pensar, seu agir e suas habilidades linguísticas” (SILVA E ALMEIDA, 2012, p. 203).

Quanto as contribuições de Bakhtin, sobre o desenvolvimento da linguagem, apresentam enfoque dialógico, ou seja, relacionado aos aspectos que concernem ao discurso, propondo uma nova disciplina: a metalinguística, que avalia os aspectos do discurso que vão além da linguística estruturalista. Sendo assim, as relações dialógicas são percebidas no âmbito do discurso, tratando a língua como um fenômeno concreto e inclui as relações lógicas (DI FANTI, 2003). Essa compreensão do desenvolvimento da linguagem com base na estrutura dialógica implica em uma abordagem de interação social, uma vez que

[...] princípio dialógico da linguagem que se constitui por uma abordagem social que lhe é própria, um “compartilhar com o outro” que exclui qualquer possibilidade de abordagem individualista, pois se instaura na língua como um processo interacional, realizado na enunciação. Por conseguinte, tratar do dialogismo é, por um lado, descartar qualquer possibilidade de limitação e redução de sentidos, e, por outro, preservar as ressonâncias de outros ditos, já-ditos e/ou não-ditos na linguagem (DI FANTI, 2003, p. 98).

Di Fanti (2003) ressalta que para compreender a abordagem dialógica desenvolvida por Bakhtin é necessário levar em conta que os sentidos constituem efeitos resultantes do discurso, das construções discursivas, resultado da Instituição histórico-social a qual o indivíduo está sujeito. O objeto do discurso, nesse aspecto, consiste em ponto de intersecção entre diferentes indivíduos, sendo a linguagem um tipo de reação-resposta a alguma interação e as relações do locutor, sendo necessário considerar o outro. Salienta-se que

“[...] o sujeito e os sentidos constroem-se discursivamente nas interações verbais na relação com o outro, em uma determinada esfera de atividade humana. [...] O outro projeta-se a partir de discursos variados (passados, atuais, presumidos). São as outras vozes discursivas – posições sociais, opiniões – que vêm habitar de diferentes formas o discurso em construção. Com isso, o outro apresenta-se em diferentes graus de presença no enunciado, às vezes é visível, às vezes está escondido, mas sempre está lá; constitui um princípio alteritário” (DI FANTI, 2003, p.98).

Lodi (2006), em seu trabalho “A leitura em segunda língua: práticas de linguagem constitutivas da(s) subjetividade(s) de um grupo de surdos adultos” apresenta pressupostos sobre a teoria de Bakhtin, que permitem compreender aspectos da linguística que contribuem para a compreensão e relação construída na formação bilíngue, como: **1.** O *eu* bakhtiniano não é um ser isolado, mas constitui-se a partir de uma relação tensa e dinâmica com o outro; **2.** A percepção do *eu*

só ocorre pelos olhos do outro e na refração de seus valores; **3.** A diferença entre *eu/outro* e a formação da autoconsciência pode ser compreendida através dos conceitos de *extraposição* (diferentes posições) e de *excedente de visão* (o que a visão do outro ultrapassa), com base na relativização correspondente ao tempo e espaço ocupado pelos indivíduos; **4.** A relação dialógica possui três distinções: o *eu-para-mim* (representação do eu sobre si), o *eu-para-outro* (representação do eu devolvida pelo outro) e o *outro-para-mim* (representação que o eu constrói sobre o outro); **5.** Toda existência é compartilhada, o *eu* se complementa através do sistema de valores do *outro*, tudo que está relacionado ao *eu* foi dado pelo mundo exterior, penetrando na consciência através da linguagem do outro, sendo um processo dinâmico e desenvolvido ao longo de toda a existência.

Nesse contexto, pode-se atribuir o exercício do desenvolvimento da Língua de Sinais como elo fundamental na formação da autoconsciência do indivíduo surdo, permitindo que se faça compreender e compreenda o outro, sendo uma ponte para a compreensão da língua portuguesa, dominante em seu entorno, e acessar o mundo ao redor. Lodi (2006) conclui em sua pesquisa voltada para o desenvolvimento da linguagem em pessoas surdas que a valorização da Libras é fundamental e permite que o *eu* relativo ao aluno surdo passa por um processo transformador diante do olhar do *outro*, dada a importância do ambiente de pares, o uso da interação discursiva dos textos, a inclusão do contexto social e aspectos específicos que envolve a surdez.

Levando em consideração o caráter interacionista que envolve o desenvolvimento da linguagem, essa aquisição não pode ser tida como um processo de imitação, sendo a próprio infante relevante no fluxo dinâmico na comunicação que ocorre no contexto social em que se insere, e, tomando em conta tanto crianças ouvintes quanto surdas, esse processo resulta da integração progressiva da criança na comunicação verbal, formando sua consciência e adquirindo conteúdo, conforme as assertivas de Bakhtin (LIMA, 2004).

Nesse contexto, a estratégia de aquisição de linguagem bilíngue proposta para sujeitos surdos apresenta um caráter fundamental, tendo como base que uma comunidade linguística apresenta uma língua e um conjunto de valores relativos a essa língua. Indivíduos surdos conhecedores da língua de sinais compartilham e fazem uso dessa língua, enquanto filhos surdos de pais ouvintes podem não apresentar uma interação regular e carecem de um corpo compartilhado de signos gestuais, ou seja, não adquiriram uma língua (LIMA, 2004).

Sobre a relação entre instrutor e aluno surdo, Lima (2004) verificou em seus estudos que os sinais podem ser transmitidos de uma forma puramente léxica, apresentando itens similares a um dicionário gestual, o que não promove uma aquisição de linguagem, mas apenas a compreensão de sinais isolados que não promovem a construção de significados. Nesse âmbito, a linguagem não configura interação humana e comunicativa, consiste apenas na produção de efeitos de sentido, o que

contrapõe as proposições de Bakhtin, onde descreve que a verdadeira substância da linguagem é verificada pelo fenômeno social da interação verbal, o que requer a relação entre aprendizes e membros experientes dentro dessa comunidade linguística.

CAPÍTULO II

Procedimentos metodológicos

Para a seção metodológica, durante tempos difíceis de pandemia tive contato com a Instituição através de mensagem via *WhatsApp* e logo no primeiro contato se mostrou aberta a minha pesquisa e decidi realizar duas entrevistas com duas profissionais da Instituição.

A primeira com uma professora e instrutora de Libras ouvinte que atende há três anos na entidade, formada em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul e Comunicação Social pela Universidade de Sorocaba (UNISO) e pós-graduada em Libras e Atendimento Educacional Especializado (AEE), através dessa entrevista foi possível conhecer numericamente quantos surdos são atendidos, qual faixa etária, qual o nível de conhecimento e quais são estratégias de ensino tanto para L1 quanto para L2 a Instituição.

E a segunda entrevista com a assistente social também ouvinte que trabalha na entidade há quatro anos formada em Serviço Social pela Universidade Paulista (UNIP), durante o diálogo com essa profissional foi possível me aprofundar nos valores da Instituição e conhecer de que forma ela recebe e mantém essa relação com as famílias durante todo o processo de atendimento dos surdos, fator fundamental para aquisição da linguagem.

As duas entrevistas foram realizadas de forma semiestruturadas por meio do aplicativo Google Meet, ambas com duração em torno de quarenta minutos. Nesse sentido, esta seção focará na singularidade de utilização da entrevista como método de pesquisa.

Primeiramente, ressalto que a entrevista é um método vinculado ao âmbito da pesquisa etnográfica. Peirano (1995) aponta a importância da etnografia no campo das Ciências Humanas e sua especificidade, que coloca em xeque o universalismo:

Como fonte socialmente reconhecida do pensamento iluminista, até recentemente o ideal de se atingir um universalismo era associado à Europa. 'Para nós a Europa já é o universal', nos disse Antonio Candido, seguindo a trilha de Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, para ilustrar a referência primeira da nossa vida intelectual que, naturalmente, duplicava a perspectiva dos europeus acerca de si próprios. Se existe, como muitos propagam, uma nova visão de mundo neste final de século, talvez um de seus aspectos mais interessantes e significativos seja **verificar que essa ordem mudou**. Hoje a idéia de uma universalidade desloca-se do antigo lugar e se complexifica; ela passa a incluir, no mínimo, o diálogo que surge do confronto de vários pontos de vista (PEIRANO, 1995, p. 9, grifo nosso).

Pontua-se, então, que a etnografia nasce da necessidade de perceber contradições, descontinuidades e nuances que os diálogos evocam. Diante disso, pensar que deve haver diálogo implica que o pesquisador considere caminhos incertos ao invés do reforço à universidade ou uniformização do saber. Por isso, este trabalho utiliza a entrevista, que é oriunda dos estudos etnográficos, como método.

De acordo com o autor, a etnografia pode ser entendida como um estudo que envolve o estudo da cultura e do comportamento de determinados grupos sociais. Literalmente, a terminologia “etnografia” vem da Grécia, significando “descrição cultural” de um povo. De forma simplificada, a etnografia envolve

diálogo novo, que inclui vozes anteriormente apagadas ou pouco audíveis, muitas geradas em lugares considerados como não centrais na produção teórica do mundo acadêmico (por alguns concebidos até hoje como periféricos, como ‘terceiro mundo’, etc.). Sentimentos de colonialismo à parte, contudo, o diálogo atual inclui também, de forma necessária e talvez paradoxal, as teorias sociológicas e antropológicas clássicas, que tiveram sua legitimidade assegurada no processo que se desenvolveu do final do século passado às primeiras décadas deste. Nesse contexto amplo, exercitar um projeto de universalidade, especialmente um projeto escrito no português local, significa adotar a perspectiva de que o debate mais próximo, a dúvida mais minúscula, **a questão mais particular**, todos eles necessitam, para sua resolução, da autoridade e da intermediação do nível mais inclusivo e mais abrangente das experiências acumuladas da disciplina, quer das linhagens locais, quer das internacionais (PEIRANO, 1995, grifo nosso).

Considerando a existência do particular e as multiplicidades de lugares nos quais a teoria e a prática podem ser produzidas e reverberadas, utilizar entrevistas como método de investigação pressupõe uma sensibilidade ao que o outro tem a dizer, não para que seu dizer seja uniformizado, conformado, engessado, mas para que os discursos sejam lugar de encontro e de diálogo. Outro autor que aborda a respeito da etnografia, segundo Peter Woods, ela:

[...] interessa-se pelo que fazem as pessoas, como se comportam, como interactivam. Propõe-se descobrir as suas crenças, valores, perspectivas, motivações, e o modo como tudo isso muda com o tempo ou de uma situação para outra. Procura fazer tudo isso dentro do grupo e a partir das perspectivas dos membros do grupo. O que conta são os seus significados e interpretações (WOODS, 1987, p. 18).

Para Vieira e Vieira (2018), por meio da utilização da etnografia, se desconstrói a falsa oposição binária entre qualitativo e quantitativo, já que o que se tem é um “politeísmo metodológico”. A etnografia, nesse ponto, “pode recorrer a diversas técnicas no sentido de compreender os sentidos que os atores sociais atribuem às suas práticas” (VIEIRA & VIEIRA, 2018, p. 31)

O uso do termo “pesquisa quantitativa” para identificar uma perspectiva positivista de ciência parece-me no mínimo reducionista. Associar quantificação com positivismo é perder de vista que quantidade e qualidade estão intimamente relacionadas. Se, por exemplo, faço um trabalho de pesquisa que pretende caracterizar os alunos que frequentam o curso noturno de formação para o magistério, embora eu use dados quantificáveis como idade, nível socioeconómico, trajetória escolar, ocupação, a leitura desses dados não necessariamente seguirá uma linha positivista. Nem eu afirmarei que os instrumentos são neutros ou que os métodos de amostragem me permitem generalizar os resultados rigidamente para a totalidade. Posso fazer uma pesquisa que utiliza basicamente dados quantitativos, mas na análise que faço desses

dados estarão sempre presentes o meu quadro de referência, os meus valores e, portanto, a dimensão qualitativa. As perguntas que eu faço no meu instrumento estão marcadas por minha postura teórica, meus valores, minha visão do mundo. Ao reconhecer essas marcas da subjetividade na pesquisa, eu me distancio da postura positivista, muito embora esteja tratando com dados quantitativos (ANDRÉ, 2000, p. 24).

Distanciar-se do modelo positivista requer que seja mencionado que não se busca uma padronização na análise do *corpus* ou uma verificabilidade que leve a infalibilidade da pesquisa, até porque, nas Ciências Humanas e Sociais, não é a infalibilidade ou o engessamento dos resultados que vale, mas a riqueza da multiplicidade e dialogicidade inerente às relações humanas que vêm à tona. Isso quer dizer que não se busca um resultado ou uma padronização de resultados que leve a uma conclusão inequívoca. O que se faz é transitar por caminhos incertos que acrescentam a investigações anteriores qualitativamente apontando horizontes que podem frutificar posteriormente.

No entanto, afirmar que há multiplicidade de interpretações, dialogismo e descontinuidades inerentes à pesquisa etnográfica não quer dizer que não haja objetividade. Trata-se de um método objetivo que está associado à produção de subjetividades. Um dos autores que defende tal premissa é Johannes Fabian, que se identifica com o pensamento crítico. Seus trabalhos se voltam para a diversidade cultural africana, analisando aspectos da vida e da cultura da África. Um de seus principais estudos, intitulado *Time and the other: how anthropology makes its object* (publicado pela editora Columbia University Press, de New York, em 1983) é uma das ferramentas mais importantes no mundo todo e uma referência fundamental para pensar os limites e as possibilidades da antropologia.

Antes disso, em 1971, o autor escreveu um ensaio intitulado *Linguagem, história e antropologia*, em que ele se questiona sobre quais seriam os principais fundamentos da antropologia. Um deles seria a objetividade etnográfica, que deve estar baseada na intersubjetividade porque se o estudo da cultura é possível é por causa das relações humanas e o diálogo entre os seres. Trata-se, portanto, da intersubjetividade criada na interação entre os indivíduos. A etnografia está associada, então, à capacidade de nos comunicarmos por meio do uso da linguagem, portanto a, subjetividade e objetividade estão inter-relacionadas. De acordo com Fabian (2006), essas inter-relações ocorrem de maneira graças a

[...] objetivações que somos, nós mesmos, possíveis; e são as objetivações que fazem a objetividade possível para nós. Objetivações podem ser objetos, mas são também textos, documentos etc. Dependemos dessas objetivações para a objetividade. Quando é concebida desse modo, a objetividade não se opõe à subjetividade. Quando as opomos, ficamos com um conceito trivial de subjetividade. Sim, somos todos subjetivos, todos temos nossas próprias opiniões, e tudo mais..., mas isso, em certo sentido, é trivial. A subjetividade é a condição da objetividade, assim como a

objetividade o é em relação à subjetividade (objetividade, aqui, no sentido de objetivação e de presença de objetos) (FABIAN, 2006, p. 514-515).

Quando falamos em objetivações, estamos nos referindo a modos de construir o mundo à nossa volta por meio da linguagem. Como ressalta o autor citado acima, à objetividade, no âmbito da antropologia, está associada à subjetividade e, portanto, intersubjetividade, pois nenhum indivíduo é visto como ser isolado, já que existe e vive na interação com os demais. Mediante isso, vale destacar que a escolha pelas entrevistas enquanto método etnográfico de pesquisa leva-nos à premissa de que trata-se de um trabalho de pesquisa no qual a intersubjetividade leva à objetividade científica. Assim, tal abordagem, mesmo que não seja positivista, não perde a objetividade. As análises efetuadas consideram a existência de seres humanos em interação e que existem na relação uns com os outros, ressignificando-se e ressignificando o mundo à sua volta.

CAPÍTULO III

Entrevistas realizadas com a assistente social e professora bilíngue: análise sobre o atendimento com surdos e adaptações durante a pandemia

Nesse capítulo discorrerei sobre os principais pontos abordados, subdivididos em quatro principais aspectos: *O Contexto Institucional*, que discorre sobre o funcionamento da Instituição; *Instituição e participação familiar*, que discute os mecanismos para promover a relação entre Instituição e familiares dos alunos surdos; *Suporte pedagógico, psicológico e assistência social para surdos e familiares*, que trata da formação multidisciplinar da equipe e dos aspectos que são necessários para uma eficiente formação linguística de surdos. Por último, *Adaptações durante a pandemia*, tratando-se das dificuldades e estratégias de promover a manutenção dos processos educativos e de desenvolvimento dos alunos de forma remota.

Os apontamentos das entrevistadas revelam diversos aspectos importantes sobre a estrutura da Instituição, profissionais capacitados para desenvolver e otimizar o aprendizado de pessoas surdas, além de viabilizar a discussão sobre os mecanismos de desenvolvimento educacional e social dos surdos. O entendimento das atividades desenvolvidas pela Instituição permite uma melhor compreensão sobre rotinas e mecanismos que propiciam o melhor caminho possível para proporcionar autonomia e sociabilização dos surdos, tanto em âmbito familiar, quanto em sua formação educacional e perspectivas profissionais.

3.1 Contexto institucional

A Instituição escolhida para a pesquisa, localizada no interior do Estado de São Paulo, denomina-se uma entidade social sem fins lucrativos atende pessoas surdas da região desde 1993 com intuito de criar uma rede de apoio aos surdos e suas famílias, além de realizar o trabalho pedagógico do ensino de Libras e Língua Portuguesa que é focado em alfabetizar as crianças surdas que estão em fase escolar e tornar o surdo adulto independente através da aquisição das línguas nos afazes que implicam contato com a sociedade. Sua infraestrutura conta com quatro salas de atendimento, todas equipadas com computadores, projetores, mesas, cadeiras e lousa, além de sanitários e um refeitório. A Instituição conta com uma equipe multidisciplinar: pedagogos, professores bilíngues, assistente social e psicólogo. Os atendimentos ocorrem de forma heterogênea, desde crianças que estão no início do processo de alfabetização até idosos que iniciaram esse processo tardiamente. Os atendidos possuem particularidades, as crianças frequentam a escola regular e a Instituição algumas já têm algum conhecimento em Libras outras nenhum, há também adultos e idosos que possuem conhecimento em Libras ou não, outro grupo de adultos que são oralizados mas querem aprender a língua de sinais, sendo assim os atendimentos são focados na singularidade de cada atendido para que o ensino seja efetivo. Todos os atendidos da Instituição são apenas surdos não possuem outros tipos de deficiências.

Segundo Vera², professora bilíngue da Instituição há três anos relata que são atendidos 60 alunos, de idades variadas entre 04 e 73 anos. O conhecimento sobre Libras dos surdos atendidos varia, podendo ser nenhum até um bom nível de comunicação. Existem casos de jovens de 18, 19 anos que não sabem nada sobre Libras e sofrem com isso. Muitos pais investem no oralismo e implantes, mas ao não obter sucesso com esses tratamentos, buscam o conhecimento sobre Libras tardiamente. Dessa forma o atendimento varia, pode ser individual (exclusivo) ou em grupo. O atendimento individual abrange cerca de 80% dos atendidos, para tratar de forma específica alguns conteúdos e outros surdos podem trabalhar em dupla ou em grupos. O estudo de forma individualizada é uma estratégia adotada diante de especificidades que os alunos apresentam, no entanto, as práticas coletivas devem ser estimuladas, uma vez que o progresso verificado na (re)construção de aprendizagem de língua é amplo em aprendizes surdos em classes de línguas, onde se observa uma relação entre a interação dos alunos e a internalização do conteúdo administrado (PIRES, 2014).

A assistente social Ana³ aponta importantes mudanças na gestão a partir de 2015 que interferiram no marco regulatório da Instituição, com ampliação da equipe básica, na inclusão de psicólogo, assistente social e orientadora social. Como o quadro de funcionários é pequeno, alguns profissionais apresentam múltiplas funções, como por exemplo, a fonoaudióloga atua como coordenadora administrativa e a instrutora de Libras exerce papel de coordenadora de curso. Antes de 2015 mais de 100 surdos eram atendidos, após as modificações e implementação das exigências da prefeitura, o atendimento foi reduzido drasticamente para 10 pessoas, já que houve corte de vínculos com prefeituras de cidades vizinhas, que repassavam verbas de acordo com a quantidade de atendidos. Para não perder os atendidos, a equipe desenvolve cursos de Libras, que implica na maior porcentagem financeira da Instituição. A prefeitura arca com 10 atendidos, de 27 a 70 anos, surdos não alfabetizados e sem vivência escolar e com outros acometimentos além da surdez. O atendimento é integral, tanto presencial quanto remoto (durante a pandemia), sendo que quando remoto ocorre à redução de horários.

Segundo a assistente social, a Instituição também atua na transmissão de informações, busca de direitos, oferecimento de curso de Libras para os pais e apoio em questões relativas ao ensino, como o requerimento de intérpretes nas escolas. Ainda fornece apoio na busca de benefícios sociais, elaboração de currículos, parceria com empresas, contratação e encaminhamento para vagas de emprego, incluindo realização de entrevistas na Instituição.

² Nome fictício por questão de procedimento ético em pesquisa realizada.

³ Nome fictício por questão de procedimento ético em pesquisa realizada.

O processo de socialização, inclusão do surdo na sociedade, e promoção de sua autonomia vêm acompanhado da necessidade de preparar os familiares, tornando o processo de aprendizado abrangente, ou seja, não somente o aluno surdo precisará ser alfabetizado em Libras, mas também pais e parentes, tornando o uso da língua rotineiro nas atividades do dia a dia. Esse aspecto faz parte da estrutura da Instituição, onde o trabalho da assistente social direciona os pais nas formas de participação familiar nesse processo de desenvolvimento linguístico, e conseqüentemente, sociocultural.

3.2 Instituição e participação familiar

Ana expressa sua atuação na assistência social como porta de entrada dos surdos na Instituição através de entrevistas com as famílias, atenção sobre as necessidades individuais e a inclusão na Instituição ou direcionamento para outros setores são fatores determinados pela assistente social. Ana enfatiza que a participação familiar é trabalhada pela assistente social em conjunto com a psicóloga, que oferecem suporte para a família: informam sobre disponibilidade de cursos (gratuito ou com valor simbólico/com desconto) e orienta sobre a Instituição. Antes os cursos eram gratuitos, mas de fraca adesão. Os cursos passaram a ser cobrados e estimulados, enfatizando a necessidade do conhecimento de Libras pelos pais, otimizando a comunicação com o surdo. O contexto familiar é preponderante no desenvolvimento linguístico da criança surda, sendo que de acordo com a forma que as relações de comunicação se estabelecem, o resultado pode ser traumático, tanto para os pais quanto para os filhos, diante das expectativas sociais e relacionamento afetivo, aspectos como insegurança e dúvida sobre o futuro da criança refletem no uso da língua portuguesa e nos gestos ensinados, sendo que, sem referencial, pode ser pobre de comunicação entre os familiares (GUARINELLO et al. 2013).

A instrutora Vera relata que muitos pais não seguem a orientação de aprender e repassar as palavras aprendidas durante o atendimento em ambiente familiar, o que acarreta a defasagem de aprendizagem. A assistente social e a psicóloga atuam nesse aspecto nas reuniões periódicas, dando orientações que direcionam os pais a contribuírem no atendimento. A entrevista com a assistente social foi pautada principalmente sobre a relação com a Instituição e familiares dos surdos. Ana destaca a importância dos encontros mensais com os pais e a necessidade de incluir uma psicóloga na equipe para dar continuidade aos encontros (profissional capacitado para atender com formação, mesmo que básica, em Libras), sendo a profissional contratada formada por um curso completo de Libras realizado pela Instituição (do básico ao avançado). É fundamental estabelecer reflexões sobre concepções de linguagem disseminadas no contexto social na promoção das possibilidades e disponibilizar aos pais para permitir uma comunicação mais eficiente no próprio seio familiar, na

partilha de conhecimentos, valores e crenças, sendo importante estabelecer ambientes com interações entre grupos familiares que demonstre a eficiência da educação dos surdos e esclareçam aspectos sociais relacionados à surdez (GUARINELLO et al. 2013).

De acordo com a assistente social Ana, os pais e familiares dos surdos encontram a assistência da Instituição principalmente por meio de encaminhamento pela Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos de Sorocaba (APADAS), onde os recém-nascidos surdos realizam exames da orelha, conhecida como teste da orelhinha⁴, e inicia tratamentos com exercício de oralidade e uso de aparelhos de implante coclear. Geralmente os surdos passam muito tempo na Instituição investindo seu tempo no trabalho com fonoaudióloga e uso de aparelhos, alimentando assim a esperança de um surdo se tornar ouvinte. Segundo Gasque (2019), observamos essa forte intencionalidade dos pais, ressaltando que:

[...] as intenções de muitos familiares de crianças surdas, é que ele venha a se comunicar oralmente pela fala, leitura orofacial, aproveitamento de resíduo auditivo com a utilização de aparelhos auditivos e implante coclear. Para muitos pais essas alternativas passam a ser a esperança de ter de volta o “filho normal”, por esse motivo, o discurso médico sobre a promessa de “cura da surdez” é facilmente acolhido por esses pais (GASQUE, 2019, p. 06).

A assistente aponta que o que determina a busca pela Instituição são geralmente as dificuldades em fase escolar, para tornar o surdo devidamente alfabetizado em Libras. A Instituição também oferece atendimento com a fonoaudióloga, mas deve vir associado ao aprendizado em Libras que é seu foco. Existe uma preocupação em orientar a família sobre a necessidade da alfabetização em Libras, sendo importante para o surdo e para os pais, complementando o aprendizado em âmbito familiar, além de solicitar, quando necessário, o pedido de intérprete na escola em questão.

As famílias e os alunos surdos que ingressam na Instituição contam com um suporte pedagógico e psicológico alinhados com as necessidades do aluno surdo, tanto em relação à formação inicial que propicia a alfabetização em Libras, quanto à sociabilização que promove o exercício da língua. Além disso, contam com assistência social que realiza uma conexão entre a Instituição e os familiares, acompanhando o desenvolvimento, desempenho e dificuldades dos atendidos, reconhecendo os aspectos sociais que rodeiam os alunos surdos na busca potencializar seu processo de aprendizagem e sociabilização.

⁴Teste obrigatório por Lei nº 12.303 de 2010, o teste da orelhinha, também chamado de otoemissões, realizados nos bebês nascidos em maternidade com o intuito de verificar a audição e, assim, conferir se não há nenhum grau de surdez no recém-nascido.

3.3 Suporte pedagógico, psicológico e assistência social para surdos e familiares

A professora da Instituição relata que o trabalho pedagógico desenvolvido por eles não substitui o ensino regular das escolas, todos os atendidos em idade escolar frequentam a escola e vão até a Instituição no período oposto, Vera exemplifica que se o atendido estuda no período da manhã irá ser atendido no período da tarde. Além disso, enfatiza que a Instituição não possui um projeto pedagógico em conjunto com as escolas regulares, o trabalho é feito especificamente para o ensino da Libras e da Língua Portuguesa de acordo com o perfil de cada surdo e de seu contexto de interesse.

De acordo com Ana, ao serem acolhidos pela Instituição, o surdo é inserido em um projeto que melhor se enquadra, de acordo com suas características: um adulto que já conhece Libras, mas precisa de contato com outras pessoas, por exemplo, participará do “grupão”, grupo de vivência amplo para promover interações entre surdos e equipe. Esse tipo de vivência desenvolve temas para um público bem vasto formado por adolescentes e adultos, que discorrem, por exemplo, sobre notícias de temas variados e atuais como a pandemia. Quando identificamos a necessidade de convivência para permitir que o atendido possa entender sua identidade quanto surdo, é incluído nesse grupo. Os surdos que apresentam um vocabulário pequeno ou com pouco contato com outros surdos são encaminhados pela assistência social ao “atendimento exclusivo”, com a instrutora de Libras, para promover a alfabetização. Quando as atividades eram presenciais, ocorriam uma vez por semana, mas de forma remota ocorrem duas vezes por semana. Dizeu e Camporali (2005) ressaltam o quanto é necessário que crianças surdas estejam em contato com seus pares o mais rápido possível, ficando próximas de pessoas fluentes em Libras, facilitando o processo de aquisição da língua, tornando-se então capaz de significar o mundo ao vivenciar experiências que introduzam essa primeira língua e forme sua identidade quanto sujeito surdo, para então ser capaz de aprender uma segunda língua, tornando-se bilíngue.

Segundo Chaiklin (2011), ao formular o conceito de *zona de desenvolvimento próximo*, Vygotsky explora aspectos sobre a influência das interações sociais no processo de aprendizado, tornando o desempenho em determinada atividade mais ou menos proficiente, de acordo com os indivíduos envolvidos, uma vez que uma pessoa mais capacitada ao desenvolver uma atividade com alguém não tão capacitado, permite que ao final da tarefa haja aprendizado, sendo esse conceito fundamentado em três aspectos: **1.** uma pessoa é capaz de desenvolver sozinha uma tarefa, no entanto, quanto em colaboração, realizará um número maior, devendo-se levar em conta os níveis de desenvolvimento a serem aprendidos no decorrer da atividade; **2.** o adulto ou pessoa mais competente que vai interagir com a criança deve se ater à sua influência direta ou indireta de forma positiva ao

processo de aprendizagem; e **3.** foca nas propriedades do aprendiz e as noções de potencial para aprendizado, gerando um caráter de expectativas que podem facilitar o acesso ao aprendizado de forma mais eficiente ao identificar as zonas que estão em desenvolvimento.

Sobre a parte pedagógica a professora Vera descreve o trabalho como dividido em diferentes fases. Quando o surdo está em processo de aquisição da linguagem, são utilizadas palavras dentro do contexto de vivência, como aspectos que compõem a própria casa, por exemplo. Palavras relacionadas ao lar como mesa, cadeira, almoçar, jantar, televisão, dentre outras, são as que iniciam o processo de aprendizagem. No final do atendimento as mesmas palavras são trabalhadas com os pais, demonstrando que o trabalho é conjunto: escola-sociedade-família. Para que o surdo apresente processo no aprendizado, não esqueça, pratique e assimile, é necessário que os sinais sejam introduzidos na rotina, que sejam devidamente sinalizados. Dizeu e Camporali (2005) em sua pesquisa intitulada *A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito*, discorrem sobre os processos de aquisição de linguagem para a criança surda e suas particularidades relacionadas à sociabilização e processos educativos. Para essas autoras, a criança surda adquire de forma espontânea a língua de sinais (L1) considerada por muitos profissionais como apenas gestos simbólicos. Uma das maiores dificuldades da integralização de uma criança surda para o convívio social é o predomínio da oralidade, destacados pelos autores,

Como consequência do predomínio dessa visão oralista sobre a língua de sinais e sobre surdez, o surdo acaba não participando do processo de integração social. Embora a premissa mais forte que sustenta o oralismo seja a integração do surdo na comunidade ouvinte, ela não consegue ser alcançada na prática, pelo menos pela grande maioria de surdos. Isso acaba refletindo, principalmente, no desenvolvimento de sua linguagem, sendo então o surdo silenciado pelo ouvinte, por muitas vezes não ser compreendido (DIZEU e CAMPORALI; 2005, p.585).

A partir do momento em que há aquisição de uma língua, a criança passa a construir sua subjetividade, utilizando recursos que permite inserir-se em processo de diálogo com a comunidade, expressando sentimentos, ideias, permitindo compreender o que se passa ao redor e adquirir concepções inéditas do mundo, sendo que, para crianças surdas filhas de pais ouvintes, esse processo não acontece de forma natural, já que existem obstáculos para introduzir as modalidades linguísticas nas interações pais-filhos (DIZEU e CAMPORALI, 2005).

Na Instituição, dependendo do caso, os surdos podem ser atendidos uma ou duas vezes por semana, de acordo com a professora. Esse atendimento varia de acordo com o domínio que o atendido possui sobre Libras e sua individualidade. O ensino de Libras é bilíngue e envolve atividades que implicam em sinalização em Libras, imagem do objeto e forma escrita em português. A pedagoga

mostra uma imagem da sinalização e demonstra o sinal, mostra a imagem e pede para que o surdo solete a palavra em português com uso de sinais. Esse processo de aprendizado requer memorização. É necessário que se solete várias vezes, com repetição do processo na semana posterior. Sobre a importância da educação bilíngue para surdos, Lima (2004) enfatiza que

A educação bilíngue para o surdo despontou no cenário educacional como uma abordagem que visa não somente modificar a escolarização para surdos que era norteadada pelo visível fracasso escolar, mas também para ir de encontro às práticas pedagógicas assumidas em abordagens educacionais anteriores que permearam (e de certa forma ainda permeiam) a educação de surdos (oralismo e comunicação total). Dito de outro modo, como uma salvadora da pátria que seja capaz de minorar as dificuldades escolares vivenciadas pelos alunos surdos, sobretudo, na aquisição da língua portuguesa, em sala de aula (LIMA, 2004, p. 37).

Vera ressalta que a Instituição também desenvolve trabalho com surdos da terceira idade, com a instrutora Jéssica. Os temas são mais alinhados com as necessidades desse grupo, como o próprio nome e data de aniversário, documentação, salário, transporte público, autonomia em saques bancários. A proposta do projeto é trabalhar a autonomia, para que o surdo não dependa da Instituição nem de outras pessoas. Na instituição já passaram surdos que iniciaram com idades de 4 a 5 anos e saíram com 18 e 19 anos para começar a trabalhar, o anseio para todos os surdos atendidos, mas os surdos da terceira idade começaram a aprender Libras tardiamente, então a autonomia é trabalhada de forma diferente e a assimilação também é diferente. O vocabulário da casa, por exemplo, pode ser trabalhado o mês inteiro e no mês seguinte, somente 10% foi assimilado por isso os perfis são muito diferentes. Segundo a instrutora, existe uma maior facilidade em desenvolver o trabalho com surdos que já conviveram ou convivem com outros surdos, em ambiente escolar e com intérpretes, apresentando melhores desenvolvimentos na reprodução dos sinais e comunicação. Via de regra, cursos de Libras apresentam grande heterogeneidade, com variações de idade, gênero e conhecimento da língua, além de diferentes níveis de escolaridade, sendo possível encontrar na mesma sala desde alunos fluentes até quem nada sabe sobre Libras (GRESSER, 2006).

Outro aspecto crucial levantado pela instrutora durante o exercício do ensino de Libras é o trabalho com sinais caseiros, desempenhado pelos atendimentos. Esses sinais são formas de comunicação entre os familiares e os surdos que diferem dos sinais de Libras para uma mesma palavra. Esse aprendizado caseiro pode gerar dificuldade na comunicação com o meio externo e nesse caso cabe à instrutora trabalhar, tanto para o surdo quanto para a família, enfatizando a importância do emprego correto do sinal na rotina da comunicação familiar, facilitando o aprendizado para que, ao lidar com a sociedade e intérpretes o surdo tenha bom desempenho na comunicação. Esse aspecto ressalta a importância de uma base de comunicação bem estabelecida no início do desenvolvimento

da linguagem da criança surda, tornando-as capazes de imergir nas diferentes esferas sociais de práticas de linguagens, que no caso, determina uma abordagem bilíngue: fluência em Libras, língua ágrafa, e em língua portuguesa, oral e escrita (LODI; BORTOLOTTI; CAVALMORETTI, 2014). É fundamental que se garanta um ensino de base em Libras na promoção de acesso à linguagem de forma mais ampla,

[...] aos surdos deve ser garantida a imersão na cadeia interdiscursiva constitutiva das interações verbais em Libras, processo que depende do estabelecimento de relações com outros surdos usuários de Libras. Práticas discursivas que carregam sentidos e visões de mundo e de sujeitos, logo de caráter dialógico e ideológico, que diferem, em diferentes graus, daquelas constitutivas da sociedade ouvinte (LODI; BORTOLOTTI; CAVALMORETTI, 2014, p.133).

Os surdos nascem em sua maioria em famílias ouvintes que desconhecem a Libras, o que resulta em desenvolvimento particular de comunicação, com a elaboração de línguas de sinais caseiras, que funcionam bem em ambiente familiar. Esse sistema deve ser ampliado para gerar novas possibilidades linguísticas, a partir de ressignificações, sendo que essa situação implica em interferências na dinâmica familiar e demanda adaptações, através de reajustes na relação familiar (KUMADA, 2012).

Ao relatar o trabalho com crianças surdas, a professora Vera explica que as que não estão em contexto escolar desenvolvem o aprendizado de Libras utilizando o lúdico. Deve-se levar em conta que o surdo é 100% visual, o que determina o uso do concreto, objetos físicos, imagens. Nessa fase ainda não entra a formação de frases e é necessário o diálogo com o interesse da criança. A instrutora enfatiza que muitas vezes mesmo com atividades preparadas, a criança pode se envolver com brinquedos e demonstrar outros interesses, sendo que essa circunstância pode ser aproveitada para sinalizar aspectos relacionados à própria brincadeira.

Fantinel e Rampelotto (2000) em suas análises sobre as contribuições dos fatores sociointeracionistas que influenciam a promoção da escrita em alunos surdos, elaborou uma lista de oito fatores que devem ser utilizados no ensino de surdos, sendo estes:

1. A língua de sinais: para dominar uma segunda língua é imprescindível a aquisição da língua de sinais, permitindo que o surdo esteja imerso no novo processo de aprendizagem (da língua portuguesa);

2. Interpretação semântica: a interpretação de significado das palavras em sua forma escrita, a produção ou leitura de texto a partir de conhecimentos prévios sobre a língua em estudo;

3. Organização textual: sendo este definido pela organização de diferentes tipos de textos (narrativas, descrições, cartas, entrevistas, entre outros), permitindo a compreensão de conceitos e comparação de diferentes pontos de vista;

4. Conhecimento do mundo: que permite uma compreensão e interpretação através da leitura de textos, gerando significado através da interação entre o lido e suas vivências anteriores, possibilitadas através do domínio da língua de sinais, promovendo a capacidade de perceber as relações intertextuais e realizar projeções;

5. Práticas Sociais: proposta de atividades em torno do social, como forma de gerar referências para expandir o conhecimento dos alunos surdos e tornar a atividade de interesse do aluno ao permitir que retrate sua realidade e conhecimento do mundo, em situações contextualizadas;

6. O instrutor de Língua de Sinais: o instrutor apresenta ao aluno surdo o modelo linguístico da Língua de Sinais, sendo muitas vezes a única referência para essa língua e permite, em sala de aula, a transferência de conhecimentos e princípios dos processos de escrita;

7. Professor ou educador especial: é necessário que os professores que atendam alunos surdos possuam, além de formação pedagógica, a formação bilíngue baseada na Língua de Sinais como a primeira língua dos alunos, para então desenvolver o interesse pela segunda língua;

8. Recursos visuais: o aluno surdo recebe todas as informações por meio da visão, sendo necessários mecanismos que reduzam o nível abstração do aprendizado, aumentando as vias de comunicação, permitindo fixar conteúdos e vocábulos e ampliando o conhecimento do mundo.

Dentre esses aspectos pontuados por Fantinel e Rampelotto (2000), a Instituição cumpre o seu papel de instituição de ensino especializado na capacitação social, priorizando a Língua de Sinais e promovendo essa interconexão entre alunos surdos e sociedade, por meio da aquisição de linguagem, práticas sociais eficientes e uso de recursos visuais como ferramentas do processo de aprendizagem.

Faz-se necessário que enfatize no contexto familiar que a criança surda necessita aprender uma língua diferente da oral, a língua de sinais, de aspecto visual, contrapondo o recurso mais utilizado pelas famílias ouvintes, o que se torna a primeira barreira linguística que a criança surda sofre: a ausência de uma língua comum entre familiares e o surdo e, conseqüentemente, fluidez em suas interações comunicativas (GUARINELLO et al. 2013).

Segundo a assistente social Ana, existe uma satisfação em receber crianças antes da idade escolar (03 e 04 anos de idade), mas geralmente vão para a instituição em contexto escolar. Nessa fase, a instrutora social e pedagoga desenvolve com a equipe atividades lúdicas que trazem resultados importantes. Quando recebemos surdos adultos que não passaram pela escola é definido o melhor projeto para inserção. Se existe falta de convivência, é indicado para o “grupão”, se necessita ser

alfabetizado, vai para atendimento individual, mas dependendo do caso, é atendido das duas formas. Cada surdo apresenta peculiaridades que determinam qual melhor abordagem. No meio de uma dinâmica pode ser detectado se há ou não evolução, podendo ser alterada diante de especificidades. Em sua experiência pedagógica, a professora enfatiza que nem todas as atividades são aplicáveis para crianças de mesma faixa etária, mas sim de acordo com cada particularidade do atendido.

Segundo Vera, surdos já oralizados ou com perda parcial ou pequena de audição, a assimilação das palavras é mais rápida, podendo avançar para diálogos e frases. Nesse caso, o atendido pode decidir se deseja trabalhar somente Libras ou associar atendimento com fonoaudióloga e uso aparelho/implante. A assistente social relata que surdos que já são fluentes em Libras continuam frequentando a Instituição por motivos de convivência. Pessoas que trabalham, mas estão de férias, por exemplo, participam, pois o grupo é aberto, com flexibilidade e sem necessidade de agendamento para encaixe. Em reuniões remotas, os participantes se comunicam com outros surdos e os convidam, aspecto positivo para propiciar trocas e vivências.

As maiorias dos pais não estão totalmente informados sobre o que é a surdez e suas consequências o que torna fundamental o papel dos profissionais que realizam o diagnóstico da surdez, no preparo e nas informações a respeito das dificuldades e mecanismos de lidar com a surdez da criança e o trato familiar correspondente (GUARINELLO et al. 2013). Dessa forma, a aquisição de Libras deveria ser introduzida nos três primeiros anos de idade da criança, o que se contrapõe ao diagnóstico correto e detecção da surdez que ocorre de forma tardia no país, sendo necessário para o exercício da fonoaudiologia um enfoque na conscientização e direcionamento aos pais para a diversidade de proposta de trabalhos, tanto para a reabilitação auditiva quanto para o processo socioeducativo relacionado ao desenvolvimento da pessoa surda (DIZEU e CAMPORALI, 2005). Alguns avanços são percebidos nesse campo, em que os profissionais passam a levar em conta novas possibilidades linguísticas para pacientes surdos e uma postura que leva em conta as diferenças, passando a rever sua atuação na inserção do surdo no âmbito social. Dessa forma, o fonoaudiólogo passa a exercer seu papel voltado para um desenvolvimento linguístico efetivo e consistente (PIRES, 2018). É importante salientar que o desenvolvimento linguístico:

[...] começa a tomar forma na Fonoaudiologia com a criança surda um trabalho de natureza bilíngue, que visa quebrar com o modelo clínico em que se predominam apenas as metodologias orais. Dessa forma, a Fonoaudiologia começa a ver a surdez como diferença, ao invés de deficiência [...] mesmo frente ao processo de transformação social e científica, a perspectiva oralista permanece hegemônica, o que fortalece e reitera a importância de ressignificar o olhar dos atores envolvidos para desconstruir modos de ser e assim, contribui para traçar novos caminhos para Fonoaudiologia relacionada à pessoa surda. (PIRES, 2018, p.9)

A forma com que a Instituição promove suas atividades, com a formação de uma equipe multidisciplinar que busca mitigar as dificuldades na aquisição de linguagem dos alunos surdos, apresenta-se eficiente na promoção do desenvolvimento linguístico e social. No entanto, com o surgimento da pandemia e das restrições de atividades presenciais, toda a equipe teve necessidade de se adaptar e propor novos caminhos para realizar suas atividades, evitando romper o processo educativo em andamento. Foram necessárias estratégias para viabilizar a socialização, tendo em vista que a Instituição não contribui exclusivamente com o processo educativo, mas também busca ressignificar a participação social do surdo e promover o encontro com seus pares.

3.4 Adaptações durante a pandemia

Na pandemia, a instrutora e professora de Libras Vera realiza os atendimentos de forma online, o que implica em desafios correspondentes. Os surdos atendidos de forma remota estão sujeitos a distrações que a casa oferece, como televisão ligada e familiares transitando no espaço ao redor. Para aperfeiçoar o atendimento, conta-se com a colaboração dos pais, solicitada pela assistente social e a psicóloga. Antes de iniciar os atendimentos online os pais são orientados a preparar o local do estudo (mesa, caderno, lápis, caneta, borracha), sendo que nas primeiras semanas houve dificuldades, mas esses aspectos estão melhorando gradativamente. O atendimento online vai continuar pelo menos até junho ou julho de 2021, 100% presencial só quando todos estiverem vacinados, uma vez que deve ser levado em consideração o uso intensivo de transporte público pelos atendidos (às vezes mais de três conduções) e a dependência de outras pessoas para se locomover, além do fator de risco do grupo da terceira idade.

A assistente social Ana relata que durante a pandemia, o atendimento ocorre via telefone, *WhatsApp* ou por vídeo. São realizadas conversas com os familiares e há inserção de projetos essenciais para que esses compreendam o funcionamento da Instituição. A pandemia também interfere na integralização entre familiares e Instituição. Quando a apresentação era presencial, noções sobre a Instituição e seus objetivos eram transmitidos de forma mais direta. Quando passa a ser totalmente virtual, o contato passa a ser mais distante. Mesmo com todos os esforços em transmitir a visão da proposta da Instituição, é difícil concretizar a troca Ana compara os dois momentos das atividades da Instituição: antes e durante a pandemia. O atendimento quando era presencial, ocorria uma vez por semana e era seguido de outros projetos. Durante a pandemia, o atendimento ocorre duas vezes por semana de forma remota, com adesão de vinte alunos atendidos. As dificuldades com aparato tecnológico também diminuem a adesão.

Segundo a assistente social, durante a pandemia houve adesão quatro novos atendidos, de forma exclusivamente virtual, incluindo a triagem com os pais para informar sobre a realidade das atividades, o tipo de deficiência acometida pelo atendido e qual o melhor projeto de inserção. Dificuldades sobre esses novos atendimentos 100% online foram relatadas durante as reuniões mensais por membros da equipe, em que os novos pais estavam interferindo nas atividades, dificultando o processo de aprendizagem. A dificuldade na compreensão dos pais no papel nesse processo de aprendizagem decorre justamente da ausência da triagem presencial e uma explicação mais detalhada sobre o funcionamento da Instituição. Encontros com os pais são realizados com frequência, com a assistente social e a psicóloga para sanar dificuldades como essa e discutir questões. Discorre-se sobre a saúde mental, situação dos filhos diante dos prejuízos da pandemia (perda de atividades, atendimentos, terapia), e as dificuldades de explicar a situação para os familiares com deficiência auditiva.

Ana também ressalta que durante a pandemia, a Instituição passou a exercer outros papéis sociais que vão além da formação em Libras e Língua Portuguesa. Mesmo extrapolando suas muitas funções para famílias e para os surdos, a pandemia trouxe à tona outras necessidades que levou a tomada de decisões sobre maneiras de subsistência dos atendidos. Foram recebidas doações que implicaram na triagem e identificação de famílias em situação de vulnerabilidade, sendo identificadas três famílias para serem contempladas com três meses de cesta básica, além de um deficiente auditivo não atendido, mas que também foi contemplado por cesta básica diante das circunstâncias. A prefeitura também solicitou à Instituição uma lista dos atendidos, para distribuir cestas para idosos e deficientes físicos, contemplando quase todas as famílias (exceto os atendidos que não são da cidade da Instituição). A Instituição não está capacitada para fornecer auxílio de cestas básicas para as famílias, sua categoria de assistência não apresenta essa obrigatoriedade, mas como a pandemia é um momento atípico, a instituição se mobiliza para contribuir.

CAPÍTULO IV

Discussões e resultados

As estratégias de ensino desenvolvidas pela Instituição no processo de alfabetização em Libras por meio de uma abordagem integrativa entre uma equipe multidisciplinar, socialização entre alunos com diferentes níveis de aprendizagem e busca do comprometimento dos pais em aprender a Língua de Sinais como internalização da materna de filhos surdos, configura o arcabouço ideal na assistência adequada e na otimização do ensino para surdos. A interiorização da linguagem permite materializar e constituir significações construídas durante processos sociais, modulando a maneira que a pessoa passa a sentir, pensar e agir (LUCCHI, 2006), sendo necessário, no caso das pessoas surdas, que haja os mecanismos adequados para o exercício da linguagem e o acesso aos pares e pessoas habilitadas para viabilizar a comunicação.

Além da necessidade de desenvolver a linguagem no ambiente familiar, capacitando familiares a aprender a Língua de Sinais e desenvolver a comunicação de forma rotineira, a Instituição viabiliza um grupo de vivência entre surdos de diferentes níveis de desenvolvimento da linguagem. No desenvolvimento dessas atividades são estabelecidas interações com participantes em diferentes níveis e proficiências no uso de Línguas de Sinais, aspecto que se aproxima da proposta do conceito de *zona de desenvolvimento próximo* (VYGOTSKY, 1987 *apud* CHAIKLIN, 2011), possibilitando um desenvolvimento colaborativo, em que a presença de pessoas em estágios mais avançados na aquisição da linguagem aperfeiçoa o aprendizado dos iniciantes.

O desenvolvimento do trabalho com surdos apresenta distintas fases, sendo importante que no início da aquisição da linguagem, seja trabalhado elementos que estão de acordo com a vivência do surdo, com elementos do cotidiano. Essas palavras são estimuladas a serem trabalhadas com os pais, para que haja a fixação do aprendizado e a internalização da linguagem. Para tanto, os pais devem aprender e tornar esse conhecimento a base comunicação cotidiana. Nesse contexto, a importância dos pais na internalização da linguagem da criança surda é primordial e possibilita saltos de qualidade da psique dessa criança e implica em mudanças essenciais em suas relações sociais, como a possibilidade de lidar com objetos externos não presentes; permite abstrair, analisar e generalizar aspectos dos objetos, eventos e circunstâncias; e a função comunicativa viabiliza preservar, transmitir e assimilar experiências acumuladas ao longo da história da humanidade (REGO 1998 *apud* LUCCI, 2006).

A aquisição da Língua de Sinais demanda a devida e constante sinalização, para que os alunos não esqueçam, pratiquem e assimilem. Além disso, existe a necessidade de dialogar com as famílias a respeito de sinais caseiros que diferem do padrão dos sinais para uma mesma palavra, o que dificulte a comunicação com o meio externo, aspecto que demanda muito comprometimento dos familiares e compreensão da necessidade de ampliar a socialização dos surdos. O letramento e educação de pessoas surdas dependem de abordagens específicas, como os elementos abordados por Vygotsky (2011) ao discutir o desenvolvimento de crianças com características diferentes. Dentre as atividades desenvolvidas pela Instituição, pode-se destacar situações que refletem esses elementos tratados por Vygotsky (2011), como:

1. O uso da língua de sinais como forma de comunicação visual;
2. Estratégias de comunicação como leitura labial, imitação de sinais e sensações sinestésicas são essenciais quando em privação auditiva e ausência da oralidade;
3. O sistema de signos viabiliza o desenvolvimento cultural da criança surda, tendo como instrumento uma língua adequada às suas necessidades, superando funções orgânicas;

4. A língua de sinais permite estabelecer formas culturais de comportamento, com a criação de mecanismos indiretos de desenvolvimento cultural;

5. O ensino de língua de sinais é capaz de incutir na criança surda, a fala e a escrita do ponto de vista do desenvolvimento cultural e estabelece de um aparato psicofisiológico diferenciado;

6. A criança surda desenvolve o uso de uma língua complexa e singular, sendo essa língua construída por e para sua comunidade, diferenciada de todas as línguas existentes.

Esse último aspecto, que destaca a importância da Língua de Sinais para a comunidade de surdos é de extrema relevância na proposta de ensino da Instituição, em que visa não somente alfabetizar os surdos em um contexto bilíngue, mas propiciar encontro entre pares, para gerar além da ampliação do vocabulário, vivências e sociabilização que otimizam a inclusão social do surdo. Esses espaços tornam-se importantes para os alunos que, mesmo quando completamente alfabetizados, continuam frequentando como ambiente de convivência social. Além disso, a equipe da Instituição desenvolve um trabalho de caráter multiprofissional e com fluxo de informações entre profissionais capacitados de diferentes áreas como: intérpretes, pedagogia, assistência social, psicologia e fonoaudiologia, aspecto que expressa o caráter organizado dos diversos fatores que acabam se influenciando mutuamente no processo educativo e no desenvolvimento de habilidades linguísticas, como enfatiza Silva e Almeida (2012). Essa integração entre profissionais de diferentes áreas, aprendizes jovens e mais experientes viabiliza o reconhecimento de qual *zona de desenvolvimento proximal* os novos ingressantes se encontram, além de determinar quais são as dinâmicas mais eficientes na promoção do melhor desenvolvimento da linguagem.

Outros aspectos do desenvolvimento da linguagem com métodos desenvolvidos a partir da interação entre pessoas mais experientes e jovens aprendizes podem ser discutido com base nas propostas teóricas de Wood, Bruner e Ross (1976) apresentam essa relação como *scaffolding* (andaime), revelando as melhores possibilidades de aprendizado quando este se dá em um processo interativo (PIRES, 2014). Algumas abordagens da Instituição correspondem aos passos propostos pelo andaime, como pode-se observar no Quadro 1.

Passos do Andamento	Atividades desenvolvidas pela Instituição
Recrutamento: proposta direcionada ao aluno para solucionar determinado problema	O aluno se depara com os sinais, são apresentados aos elementos visuais, como objetos e letras, seguido de estímulos ao treinamento constante
Redução dos graus de dificuldade: simplificação da tarefa em tarefas menores, e percepção das respostas do aluno	As palavras são apresentadas de acordo com a familiaridade que o aluno apresenta, iniciando com elementos da rotina caseira, podendo praticar os estudos no dia a dia

Manutenção do direcionamento: estimular o aprendiz a atingir o próximo nível, motivando a concluir a tarefa principal	De acordo com a evolução do aluno, o atendimento pode ser intensificado, para reconhecer a fluência e as dificuldades correspondentes na ampliação do vocabulário
Sinalizar características relevantes: ressaltar os pontos mais importantes da atividade, mostrando as diferenças entre o resultado obtido e o desejado	A exemplo da quebra de sinais caseiros, que requer práticas intensas e dentro do âmbito familiar, levando em conta que a internalização da língua de sinais promove uma melhor socialização e autonomia do surdo
Controlar a frustração: incentivar novas tentativas, diminuir estresses e não gerar elevada dependência entre professor e aluno	Mesmo quando o processo de aprendizagem é mais lento (alunos idosos ou menos socializados), o ritmo e tipo de práticas visam completar a fluência das palavras em desenvolvimento, além de propor estudos entre aulas
Demonstração: utiliza um modelo sobre como resolver a tarefa, trazendo um ideal do que deve ser feito	Durante as atividades no grupão , iniciantes entram em contato com alunos mais fluentes, ampliando o vocabulário e contextualizando a linguagem

Quadro 1. Elementos do Andamento (PIRES, 2014) e as atividades desenvolvidas pela Instituição, de acordo com o desenvolvimento e características dos alunos atendidos (quadro elaborado pela autora).

Existem diferentes níveis de desenvolvimento da Língua de Sinais entre os surdos atendidos pela Instituição, bem como vários espectros de socialização. Alunos que são muito jovens em não estão em contexto escolar, por exemplo, desenvolvem atividades lúdicas através da apresentação dos sinais e suas imagens correspondentes, além de ser necessário reconhecer o interesse da criança diante das possibilidades diversas, utilizando o próprio ato de brincar como propício para o ensino de Libras. Já surdos adultos devem ser avaliados quanto ao estágio de desenvolvimento da língua em que se encontram: se necessitam ser alfabetizados (atendimento individual) ou se é necessária a socialização (grupão), podendo ser atendido das duas formas, dependendo do caso.

Todos esses processos demonstram a preocupação da Instituição em desenvolver as melhores propostas para o desenvolvimento da linguagem de acordo com as características particulares de cada surdo que ingressa na Instituição, desafio que requer esforços de toda a equipe e uma comunicação eficiente entre os diferentes profissionais atuantes. O trabalho de alfabetização e Libras permite capacitar o surdo não somente a ler o mundo a sua volta, mas permite que seja compreendido ao desenvolver suas funções psicológicas superiores e formar um canal entre indivíduos diferentes. Nesse âmbito, a formação bilíngue proposta estabelece as funções que a linguagem apresenta na formação do ser social, como nos apontamentos teóricos propostos por Vygotsky (1996), destacando que:

- a) o homem é um ser histórico-social, moldado pela cultura que ele próprio cria;
- b) o homem é determinado nas interações sociais, sendo na linguagem e pela linguagem que o indivíduo é determinado e é determinante de outros indivíduos;

c) o desenvolvimento apresenta três saltos qualitativos: filogênese (origem da espécie) para a sociogênese (origem da sociedade), sociogênese para a ontogênese (origem do homem), e ontogênese para a microgênese (origem do indivíduo único), sendo o desenvolvimento mental um processo sociogenético;

d) a atividade cerebral é mediada por instrumentos e signos, sendo que a atividade cerebral superior resulta de uma atividade de interiorização de significados sociais a partir de atividades culturais;

e) a linguagem é o principal mediador na formação e desenvolvimento das funções psicológicas superiores e pode ter expressão oral, gestual, escrita, artística, musical e matemática.

A devida formação de surdos em linguagem bilíngue é fundamental para a inclusão social em diferentes esferas, como acesso ao ensino regular, mercado de trabalho, atendimento e serviços diversos. Além disso, a socialização entre pares é imprescindível para o desenvolvimento, permitindo o reconhecimento do surdo, de suas necessidades, vontades e anseios, tanto pela família, quanto pela sociedade ao redor. Essas pautas devem ser ampliadas, para permitir uma ampla capacitação dos surdos, intérpretes e familiares, bem como estimular a formação de Libras de educadores e formar uma rede entre capacitadores para compartilhar experiências eficientes no processo de educação e inclusão social dos surdos no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei o curso de Pedagogia e durante meu processo de formação, nunca imaginei finalizá-lo pesquisando e discutindo um tema tão importante que no início era desconhecido para mim. Após o contato direto com uma professora surda que durante um período ministrou suas aulas sem intérprete, senti a enorme necessidade de conhecer o universo da Libras e a comunidade surda.

Durante a realização da pesquisa foi possível observar a dedicação da equipe da Instituição em manter o trabalho com os surdos, mesmo antes da pandemia, contribuindo constantemente para a inserção do surdo na comunidade e com foco na promoção da autonomia dessas pessoas. Ressalta-se sempre que as pessoas surdas que fazem parte da sociedade se apresentam com uma ampla diversidade: diferentes faixas etárias, desenvolvimento educacional, contato e fluência em Libras, além de diferentes classes sociais. Todos esses aspectos tiveram que ser levados em conta na proposição pedagógica administrada pela equipe da Instituição e na elaboração de turmas e didáticas, transformando a realidade social dos surdos. O grande objetivo da Instituição consiste na educação dos surdos em Libras, mas a instituição também oferece um grande suporte na sociabilização entre pares, não só tornando o processo de aprendizado mais eficiente, mas também contribuindo para o sentimento de pertencimento social entre os atendidos.

Um dos aspectos primordiais a ser considerado é a relação entre surdos e familiares, principalmente os pais, que estão diretamente envolvidos com o processo de aquisição de linguagem da criança surda, ainda mais na fase inicial, que é essencial para tornar esse processo mais eficiente. Quando bem informados e instruídos, os pais conseguem ser mais participativos e o convívio otimizado, tornando a comunicação dentro da rotina familiar mais fluída. Nesse aspecto, a Instituição se oferece como um caminho para tornar esse processo de aprendizado não somente direcionado ao surdo, mas aos familiares, efetivando a internalização da linguagem através do uso na rotina familiar. A aquisição e desenvolvimento da linguagem é um processo que depende da interação social e, quando esta se apresenta diluída em poucas expressões ou poucas possibilidades de construção discursiva, ocorre um déficit na qualidade do aprendizado ao longo da vida.

O suporte pedagógico oferecido pela Instituição se alinha com os parâmetros teóricos sobre o desenvolvimento da linguagem expressos nos trabalhos de Vygotsky e Bakhtin, uma vez que prioriza a relação entre pares de diferentes níveis de domínio da Língua de Sinais e promove o caráter interativo e sociocultural na aquisição eficiente da linguagem, desenvolvendo uma ponte entre a comunidade surda e ouvinte, necessária para sanar cada vez mais a deficiência do Estado em promover educação e bem-estar de todos. O sistema educacional brasileiro apresenta dificuldades em estabelecer uma inclusão real dos alunos surdos, mas têm-se percebido em trabalhos com foco na

promoção da alfabetização e letramento dos surdos que diferentes esforços e estratégias buscam promover educação de qualidade para essas pessoas. O entendimento do desenvolvimento da linguagem é crucial para levantar questões e estratégias que dialogam com as capacidades e diversidade de interações possíveis entre surdos e ouvintes. Deve-se ater a preparação necessária de educadores e instrutores quanto a forma mais adequada de interação com alunos surdos e com o restante da sala, levantando as principais dificuldades para compreender qual melhor forma de promover aprendizado e sociabilização.

Para ser eficiente em sua proposição, a Instituição conta com uma equipe que atua em diferentes esferas: pedagógicas, psicológica, assistência social e fonoaudiologia. Essa combinação é fundamental e determinante na elaboração de um processo efetivo de inserção do surdo na comunidade e na promoção de sua autonomia, fornecendo os recursos necessários para avançarem no sentido educativo da aquisição da Libras e da Língua Portuguesa. Para tanto, a equipe precisa estar em consonância e com o diálogo atualizado sobre as circunstâncias em que os atendidos se encontram, com sua realidade social e com as estratégias de avanços nas formas de ensino. A equipe da Instituição encontra esse caminho por meio de contínuas reuniões em que se discorre sobre as dificuldades e podem encontrar apoio entre os profissionais para solucionar eventuais problemas.

Uma das grandes dificuldades vigentes é a pandemia, que inviabilizou a sociabilização presencial, aspecto primordial no processo de aprendizagem, trazendo para a equipe a necessidade de elaborar novas formas de continuar o ensino desses atendidos. O mecanismo de ensino remoto, com grande dedicação, além de reuniões dos grupos, foram estratégias que permitiram manter as atividades e as relações sociais entre os surdos, demonstrando o empenho dos profissionais envolvidos para continuar atendendo com qualidade e promovendo a educação dos surdos, inclusive admitindo novos alunos e familiares no quadro de atendimento.

Sendo assim, a experiência na pesquisa desenvolvida com a Instituição levanta aspectos importantes relacionados à educação de base para pessoas surdas na aquisição de Libras e da Língua Portuguesa, levando em conta a relação entre família, escola e comunidade. Os mecanismos e abordagens experimentais relacionados à pandemia também traz notoriedade, na forma de exercer as atividades educacionais visando evitar grandes prejuízos, o que expressa o comprometimento da equipe, além de permitir que, ao compartilhar tais experiências, outras instituições possam implementar medidas similares na busca da promoção de um atendimento de qualidade na educação em Libras para surdos.

Ressalta-se a importância da aquisição de Libras nos primeiros anos de vida e colocada com L1, sendo essa recomendação podendo ser transmitida à família desde o diagnóstico, mesmo que haja possibilidade de reabilitação oral, como uma associação de medidas que promovam a integração

comunicativa entre surdos, seus pares, familiares, instrutores e intérpretes. Essa educação de base facilita a inserção na sociedade, promovendo relações afetivas construídas em uma comunicação mais ampla, além de promover o acesso a uma boa educação e possibilidades diante do mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2000.
- FABIAN, Johannes. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação (Entrevista). **MANA**, v. 12, n. 2, p. 503-520, 2006.
- FABIAN, Johannes. **Time and the other: how anthropology makes its object**. New York: Columbia University Press, 1983.
- CHAIKLIN, S. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 659-675, Dec. 2011.
- DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. **A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos**. Veredas – Rev. Est. Ling., Juiz de Fora, v.7, nº1 e 2, 2003.
- DIZEU, L. C. T. B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005.
- FANTINEL, Patrícia Farias; RAMPELOTTO, Elisane Maria. Contribuições de fatores sócio-interacionistas na escrita de surdos. **Revista Educação Especial**, p. 51-58, 2000.
- GASQUE, A.P.P. **Portfólio Eletrônico: alternativa didática para o ensino de Libras a familiares ouvintes de crianças surdas**, Artigo apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação lato senso da UFPel, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação - ênfase Educação de Surdos, Pelotas, 2019.
- GRESSER, A. **“Um olho no professor surdo e outro na caneta”**: Ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de doutorado apresentada ao Instituto da Linguagem, Unicamp, Campinas. 2006.
- GUARINELLO, A.C.; CLAUDIO, D.P.; FESTA, P.S.V.; PACIORNIK, R. Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes – filhos surdos. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, n. 46, p. 151-168, Curitiba, 2013.
- KUMADA, K. M. O. **No começo ele não tem língua nenhuma, ele não fala, ele não Libras, né?**: representações sobre línguas de sinais caseiras. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- LIMA, Maria do Socorro Correia Lima. **Surdez, Bilinguismo e Inclusão: entre o dito, o pretendido e o feito**. Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2004.
- LODI, Ana Claudia. A leitura em segunda língua: práticas de linguagem constitutivas da(s) subjetividade(s) de um grupo de surdos adultos. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 185-204, 2006.
- LODI, A., BORTOLOTTI, E., & CAVALMORETTI, M. Letramentos de surdos: práticas sociais de linguagem entre duas línguas/culturas. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, 9(2), Port. 131-149 / Eng. 137-155, 2014.
- LUCCI, Marcos Antonio. **A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica**. **Revista de currículo e formación del profesorado**, v. 10, nº2, 2006.

- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PIRES, Luís Henrique Souza. **Aquisição da Linguagem em crianças surdas e Fonoaudiologia: uma revisão de literatura**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- PIRES, Vanessa de Oliveira Dagostim. A aprendizagem coletiva de língua portuguesa para surdos através das interações em língua de sinais. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 987-1014, 2014.
- RADAELLI, Maria Eunice Barth. Contribuições de Vygotsky e Bakhtin para a linguagem: interação no processo de alfabetização. **Revista Thêma et Scientia**, v. 1, n. 1, p. 30-34, 2011.
- SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, v. 1, 2006.
- SILVA, R. M. O. da; ALMEIDA, M. F. O ensino do texto para aprendizes surdos à luz de Vygotsky. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 01, n. 02, p. 186 – 206, 2012.
- VARGAS, Jaqueline Santos e GOBARA, Shirley Takeco. Interações entre o Aluno com Surdez, o Professor e o Intérprete em Aulas de Física: uma Perspectiva Vygotskiana, **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 3, p. 449-460, 2014.
- VIEIRA, Ricardo; VIEIRA, Ana. Entrando no interior da escola: etnografia e entrevistas etnográficas. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, n. 26, p. 31-48, jan/abr 2018.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5.ed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes, 1996.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, 2011.
- WOOD, D.; BRUNER, J.; ROOS, G. The role of tutoring in problem solving. **Journal of Child Psychology**, v.17, p.89-100, 1976.
- WOODS, Peter. **La escuela por dentro**. Barcelona: Paidós, 1987.

APÊNDICE

Questionário:

A) Questões utilizadas na entrevista com a professora da Instituição:

- 1- Quantos alunos surdos são atendidos pela instituição?
- 2- Qual a faixa etária dos atendidos?
- 3- Há algum aluno que já tenha conhecimento prévio em Libras ou Língua Portuguesa?
- 4- De que forma a família de cada atendido participa do processo de aquisição de ambas as línguas?
- 5- Quais estratégias e metodologias de ensino a instituição trabalha com os alunos surdos?

B) Questão utilizada na entrevista com a assistente social da Instituição:

De que forma é feito o acolhimento dos alunos e das famílias deles ao chegarem à Instituição e durante todo o processo de atendimento?

ANEXOS**TERMO DE CONSENTIMENTO AO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)**

(Conselho Nacional de Saúde – Resolução nº 196/96 – Decreto nº 93.933/87)



Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – *Campus* Sorocaba.
 Centro de Ciências Humanas e Biológicas (CCHB).
 Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE).

TERMO DE CONSENTIMENTO AO LIVRE ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde – Resolução nº 196/96 – Decreto nº 93.933/87)

Focado em observar e analisar, bem como apontar alternativas e buscar dados no contexto pedagógico bilíngue: Libras e Língua Portuguesa para surdos, precisamos de sua participação na entrevista, que contém elementos importantes para a investigação sobre as estratégias de ensino dessas línguas para surdos.

Eu, [REDACTED], portador (a) do RG [REDACTED] declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa não ocasionando nenhum prejuízo para as minhas atividades de trabalho dentro da instituição. Declaro ainda estar ciente de que a minha participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos análises e divulgação dos dados coletados nesta pesquisa. Autorizo o uso de seus dados, imagens, vídeos e afins para a produção de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e artigos técnicos e científicos. Fui informado de que a privacidade será mantida através da não identificação do meu nome.

Além de poder contar com a sua autorização, colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos e informações que precisar. O participante poderá entrar em contato com o/a pesquisador(a) LARISSA CHAVES LIMA, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – *Campus* Sorocaba, enviando mensagem para o celular (15) 997503969 ou e-mail para o endereço LARI.CHAVESLIMA@HOTMAIL.COM

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do/da pesquisador(a) e outra com o sujeito participante da pesquisa.

Compreendo o que foi explicado e concordo em participar desta pesquisa. Agradecemos a sua participação

Larissa Chaves Lima
Assinatura da pesquisadora

[Handwritten Signature]
Assinatura da orientadora

[Redacted Signature]
Assinatura do participante

Sorocaba/SP, 28 de Março de 2021.



Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – *Campus* Sorocaba.
 Centro de Ciências Humanas e Biológicas (CCHB).
 Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE).

TERMO DE CONSENTIMENTO AO LIVRE ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde – Resolução nº 196/96 – Decreto nº 93.933/87)

Focado em observar e analisar, bem como apontar alternativas e buscar dados no contexto pedagógico bilíngue: Libras e Língua Portuguesa para surdos, precisamos de sua participação na entrevista, que contém elementos importantes para a investigação sobre as estratégias de ensino dessas línguas para surdos.

Eu, [REDACTED], portador (a) do RG: [REDACTED] declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa não ocasionando nenhum prejuízo para as minhas atividades de trabalho dentro da instituição. Declaro ainda estar ciente de que a minha participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos análises e divulgação dos dados coletados nesta pesquisa. Autorizo o uso de seus dados, imagens, vídeos e afins para a produção de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e artigos técnicos e científicos. Fui informado de que a privacidade será mantida através da não identificação do meu nome.

Além de poder contar com a sua autorização, colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos e informações que precisar. O participante poderá entrar em contato com o/a pesquisador(a) LARISSA CHAVES LIMA, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – *Campus* Sorocaba, enviando mensagem para o celular (15) 997503969 ou e-mail para o endereço LARI.CHAVESLIMA@HOTMAIL.COM

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do/da pesquisador(a) e outra com o sujeito participante da pesquisa.

Compreendo o que foi explicado e concordo em participar desta pesquisa. Agradecemos a sua participação



Assinatura da pesquisadora



Assinatura da orientadora



Assinatura do participante

Sorocaba/SP, 29 de MARÇO de 2021.